



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II AOS JOVENS E ÀS JOVENS DO MUNDO POR OCASIÃO DA XIV JORNADA

MUNDIAL DA JUVENTUDE «O Pai ama-vos!» (cf. Jo 16, 27) *Caros Jovens amigos!*1. Na perspectiva do já próximo Jubileu, o ano de 1999 assume a função de «alargar os horizontes do crente até à própria perspectiva de Cristo: a perspectiva do “Pai que está nos céus”, que O enviou e a Quem Ele retornou» (Carta Apost. *Tertio millennio adveniente*, 49). Não é possível, de facto, celebrar Cristo e o Seu jubileu sem se dirigir, com Ele, para Deus, seu e nosso Pai (cf. Jo 20, 17). Também o Espírito Santo remete ao Pai e a Jesus: se o Espírito nos ensina a dizer «Jesus é o Senhor» (cf. 1 Cor 12, 3), é para nos tornar capazes de falar com Deus chamando-O «Abbá, Pai!» (cf. Gl 4, 6). Convido-vos, pois, juntamente com a Igreja inteira a dirigir-vos para Deus Pai e a escutar com gratidão e maravilha a surpreendente revelação de Jesus: «O Pai ama-vos!» (cf. Jo 16, 27). São estas as palavras que vos confio como tema da XIV Jornada Mundial da Juventude. Caros jovens, acolhei o amor com que Deus vos amou primeiro (cf. 1 Jo 4, 19). Permanecei ancorados nesta certeza, a única capaz de dar sentido, força e alegria à vida: jamais se afastará de vós o Seu amor, nunca vacilará a Sua aliança de paz convosco (cf. Is 54, 10). Ele imprimiu o vosso nome nas palmas das Suas mãos (cf. Is 49, 16).2. Ainda que nem sempre consciente e clara, no coração do homem existe uma profunda nostalgia de Deus, que Santo Inácio de Antioquia assim expressou, de modo eloquente: «Uma água viva murmura em mim e diz-me dentro: “Vem ao Pai!”» (Ad Rom, 7). «Senhor, mostrai-Me a Vossa glória», suplica Moisés na montanha (Êx 33, 18). «Ninguém jamais viu a Deus: O Filho único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer» (Jo 1, 18). É, então, suficiente conhecer o Filho para conhecer o Pai? Filipe não se deixa facilmente convencer e pede: «Senhor, mostra-nos o Pai». A sua insistência obtém-nos uma resposta que supera a nossa expectativa: «Estou há tanto tempo convosco e não Me conheces, Filipe?... Quem Me vê, vê o Pai» (ibidem). Depois da Encarnação, existe um rosto de homem no qual é possível ver a Deus: «Acreditai que estou no Pai, e o Pai em Mim», diz Jesus não só a Filipe, mas a todos aqueles que acreditarem (ibid., 14, 11). A partir de então, quem acolhe o Filho de Deus, acolhe Aquele que O enviou (cf. ibid., 13, 20). Ao contrário: «Aquele que Me odeia, odeia também o Meu Pai» (ibidem). A partir de então, uma nova relação é possível entre o Criador e a criatura, a relação do filho com o próprio Pai: aos discípulos que querem entrar nos segredos de Deus e pedem que lhes ensine a orar, a fim de encontrarem sustento no caminho, Jesus responde ensinando o *Pai nosso*, «síntese de todo o Evangelho» (Tertuliano, *De creatione*, 1). Nele encontra confirmação a nossa condição de filhos (cf. Lc 11, 1-4). «Por um lado, nas palavras desta oração, o Filho único dá-nos as palavras que o Pai Lhe deu: Ele é o mestre da nossa oração. Por outro lado, sendo o Verbo Encarnado, Ele conhece, no seu coração de homem, as necessidades dos Seus irmãos e irmãs humanos, e no-las revela: Ele é o modelo da nossa oração» (CIC, *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2765). Ao transmitir-nos o testemunho directo da vida do Filho de Deus, o Evangelho de João indica-nos o caminho a seguir para conhecer o Pai. A invocação «Pai» é o segredo, o respiro, a vida de Jesus.

Não é Ele porventura o Filho único, o primogénito, o amado para o Qual tudo se dirige, presente junto do Pai ainda antes que o mundo existisse, co-participante da Sua própria glória? (cf. *Jo* 17, 5). Do Pai, Jesus recebe o poder sobre todas as coisas (cf. *ibid.*, 17, 2), a mensagem a anunciar (cf. *ibid.*, 12, 49), a obra a realizar (cf. *ibid.*, 14, 31). Os próprios discípulos não Lhe pertencem: foi o Pai que Lhos deu (cf. *ibid.*, 17, 9), confiando-Lhe a tarefa de os preservar do mal, para que nenhum se perca (cf. *ibid.*, 18, 9). Na hora de passar deste mundo para o Pai, a «oração sacerdotal» revela o ânimo do Filho: «Glorifica-Me Tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, com aquela glória que tinha Contigo antes que o mundo existisse» (*ibid.*, 17, 5). Como Sumo e Eterno Sacerdote, Cristo põe-Se à frente do imenso cortejo dos remidos. Primogénito de uma multidão de irmãos, Ele reconduz ao único redil as ovelhas do rebanho disperso, para que haja «um só rebanho e um só pastor» (*ibid.*, 10, 16). Graças à Sua obra, a própria relação de amor que existe no seio da Trindade é transferida para a relação do Pai com a humanidade remida: «O Pai ama-vos!». Como poderia este mistério de amor ser compreendido sem a acção do Espírito, efundido pelo Pai nos discípulos graças à oração de Jesus (cf. *ibid.*, 14, 16)? A encarnação do Verbo eterno no tempo e o nascimento para a eternidade de quantos estão a Ele incorporados mediante o baptismo, não seriam concebíveis sem a acção vivificante do mesmo Espírito.³ «De tal modo Deus amou o mundo que Lhe deu o Seu Filho único, para que todo o que n'Ele crê não pereça mas tenha a vida eterna» (*ibid.*, 3, 16). O mundo é amado por Deus! E apesar das rejeições de que é capaz, ele continuará amado até ao fim. «O Pai ama-vos», desde sempre e para sempre: esta é a novidade inaudita, «o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem» (cf. Carta Apost. *Christifideles laici*, 34). Mesmo que o Filho nos tivesse dito só esta palavra, seria suficiente: «Vede com que amor nos amou o Pai, ao querer que fôssemos chamados filhos de Deus. E, de facto, somo-lo!» (1 *Jo* 3, 1). Não somos órfãos, o amor é possível. Porque – bem o sabeis – não somos capazes de amar se não somos amados. Mas como anunciar esta boa nova? Jesus indica o caminho a seguir: pôr-se à escuta do Pai, para ser por Ele instruído (*ibid.*, 6, 5), e observar os mandamentos (cf. *ibid.*, 14, 23). Esse conhecimento do Pai, depois, irá crescendo: «Dei-lhes a conhecer o Teu nome e dá-lo-ei a conhecer» (*ibid.*, 17, 26), e será obra do Espírito Santo, que guiará para a verdade total (cf. *ibid.*, 16, 13). Na nossa época, a Igreja e o mundo têm, mais do que nunca, necessidade de «missionários» que saibam proclamar, com a palavra e o exemplo, esta fundamental e consoladora verdade. Conscientes disto, vós, jovens de hoje e adultos do novo milénio, deixai-vos «formar» na escola de Jesus. Na Igreja e nos vários ambientes em que se realiza a vossa existência quotidiana, tornai-vos testemunhas críveis do amor do Pai! Tornai-o visível nas opções e atitudes, a fim de acolherdes as pessoas e de vos colocardes ao seu serviço, no fiel respeito da vontade de Deus e dos seus Mandamentos. «O Pai ama-vos». Este anúncio maravilhoso é depositado no coração do crente que, como o discípulo amado por Jesus, inclina a cabeça sobre o peito do Mestre e daí recolhe as confidências: «Aquele que Me ama será amado por Meu Pai, e Eu amá-lo-ei e manifestar-Me-ei a ele» (*ibid.*, 14, 21), porque «a vida eterna consiste nisto: que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste» (*ibid.*, 17, 3). Reflexo do amor do Pai são as diversas formas de paternidade que encontrais no vosso caminho. Penso, em particular, nos vossos pais, colaboradores de Deus ao transmitir-vos a vida e ao cuidar de vós: honrai-os (cf. *Êx* 20, 12) e sede-lhe gratos! Penso nos sacerdotes e nas outras pessoas consagradas ao Senhor, que são para vós amigos, testemunhas e mestres de vida, «para o vosso proveito e alegria da vossa fé» (*Fl* 1, 25). Penso nos educadores autênticos que, com a sua humanidade, sabedoria e fé, contribuem de modo significativo para o vosso crescimento cristão e, por conseguinte, humano. Por todas e cada uma destas válidas pessoas, que estão ao vosso lado ao longo das estradas da vida, dai sempre graças ao Senhor.⁴ O Pai ama-vos! A consciência desta predilecção por parte de Deus não pode deixar de impelir os crentes «a emprenderem, na adesão a Cristo Redentor dos homens, um caminho de autêntica conversão... É este o contexto adequado para a descoberta e a inteira celebração do sacramento da Penitência, no seu significado mais profundo» (*Tertio millennio adveniente*, 50). «O pecado é um abuso da liberdade que

Deus dá às pessoas criadas para que possam amá-l'O e amarem-se mutuamente» (*CIC*, n. 387); é a rejeição de viver a vida de Deus recebida no Baptismo, de se deixar amar pelo verdadeiro Amor: com efeito, o homem tem o terrível poder de obstaculizar Deus na Sua vontade de dar todo o bem. O pecado, que tem origem na vontade livre da pessoa (cf. *Mc* 7, 20), é uma transgressão do amor verdadeiro; fere a natureza do homem e dissolve a solidariedade humana, manifestando-se em atitudes, palavras e acções saturadas de egoísmo (cf. *CIC* nn. 1849-1850). É no íntimo que a liberdade se abre e se fecha ao amor. Este é o drama constante do homem, que muitas vezes escolhe a escravidão, submetendo-se a temores, caprichos, hábitos errados, criando ídolos que o dominam, ideologias que aviltam a sua humanidade. Lemos no Evangelho de João: «Todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado» (8, 34). Jesus diz a todos: «Arrependei-vos, e acreditai na Boa Nova» (*Mc* 1, 15). Na origem de toda a conversão autêntica há o olhar de Deus para o pecador. É um olhar que se traduz em busca plena de amor, em paixão até à cruz, em vontade de perdão que, manifestando ao culpado a estima e o amor do qual continua a ser objecto, lhe revela por contraste a desordem em que está imerso, solicitando-o à decisão de mudar de vida. É o caso de Levi (cf. *Mc* 2, 13-17), de Zaqueu (cf. *Lc* 19, 1-10), da adúltera (cf. *Jo* 8, 1-11), do ladrão (cf. *Lc* 23, 39-43), da samaritana (cf. *Jo* 4, 1-30): «O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se não o experimenta e se não o torna algo próprio, se nele não participa vivamente» (Carta Enc. *Redemptor hominis*, 10). Quando descobriu e saboreou o Deus da misericórdia e do perdão, o ser humano não pode viver doutra maneira do que converter-se continuamente a Ele (cf. Carta Enc. *Dives in misericordia*, 13). «Vai e doravante não tornes a pecar» (*Jo* 8, 11): o perdão é dado gratuitamente, mas o homem é convidado a corresponder-lhe com um sério empenho de vida renovada. Deus conhece muito bem as Suas criaturas! Não ignora que a manifestação sempre maior do Seu amor acabará por suscitar no pecador o desgosto do pecado. Para este o amor de Deus dirige-se na contínua oferta de perdão. Como é eloquente a parábola do filho pródigo! A partir do momento em que ele se afasta de casa, o pai vive na trepidação: aguarda, espera, perscruta o horizonte. Respeita a liberdade do filho, mas sofre. E quando o filho se decide a retornar, ele vê-o ao longe e vai ao seu encontro, abraça-o com força e, repleto de alegria, dá ordens: «Ponde-lhe no dedo um anel – símbolo da aliança – trazei depressa a mais bela túnica e vesti-lha – símbolo da vida nova – ponde-lhe sandálias nos pés – símbolo da dignidade reconquistada – e façamos festa, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e encontrou-se!» (*Lc* 15, 11-32).⁵ Antes de subir para o Pai, Jesus confiou à sua Igreja o ministério da reconciliação (cf. *Jo* 20, 23). Não basta, portanto, um arrependimento apenas interior para obter o perdão de Deus. A reconciliação com Ele é obtida através da reconciliação com a comunidade eclesial. Por isto o reconhecimento da culpa passa através de um gesto sacramental concreto: o arrependimento e a acusação dos pecados, com o propósito de vida nova, diante do ministro da Igreja. O homem contemporâneo, infelizmente, quanto mais perde o sentido do pecado tanto menos recorre ao perdão de Deus: disto dependem muitos dos problemas e das dificuldades do nosso tempo. Neste ano, convido-vos a redescobrir a beleza e riqueza de graça do sacramento da Penitência, percorrendo com atenção a parábola do filho pródigo, onde é ressaltado não tanto o pecado, quanto a ternura de Deus e a Sua misericórdia. Ao escutardes a Palavra em atitude de oração, contemplação, admiração e certeza, dizei a Deus: «Tenho necessidade de Vós, conto convosco para existir e viver. Vós sois mais forte que o meu pecado. Creio no vosso poder sobre a minha vida, creio na vossa capacidade de me salvar, assim como estou agora. Recordai-Vos de mim. Perdoai-me!». Olhai para «dentro» de vós. Antes de ser contra uma lei ou uma norma moral, o pecado é contra Deus (cf. *Sl* 50 [51], 6), contra os irmãos e contra vós mesmos. Ponde-vos diante de Cristo, Filho único do Pai e modelo de todos os irmãos. Só Ele nos revela aquilo que devemos ser para com o Pai, para com o próximo e a sociedade, a fim de estarmos em paz connosco mesmos. Revela-no-lo através do Evangelho, que forma com Jesus Cristo uma só coisa. A fidelidade a um é medida da fidelidade ao outro. Com

confiança aproximai-vos do sacramento da Confissão: com a acusação das culpas mostrareis querer reconhecer a infidelidade e interrompê-la; afirmareis a necessidade de conversão e de reconciliação, para encontrardes a pacificante e fecunda condição de filhos de Deus, em Cristo Jesus; exprimireis solidariedade para com os irmãos, também eles provados pelo pecado (cf. *CIC*, n. 1445). Recebei, por fim, com ânimo grato a absolvição por parte do sacerdote: é o momento em que o Pai pronuncia sobre o pecador arrependido a palavra que faz viver: «Este Meu filho reviveu!». A fonte do amor regenera e torna capaz de superar o egoísmo e de voltar a amar com intensidade maior.⁶ «Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é-lhe semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas» (*Mt* 22, 37-40). Jesus não diz que o segundo mandamento é idêntico ao primeiro, mas que lhe é «semelhante». Os dois mandamentos, portanto, não são cambiáveis, como se se pudesse satisfazer de maneira automática o mandamento do amor de Deus, observando o do amor do próximo, ou vice-versa. Eles têm consistência própria, e ambos devem ser observados. Jesus, porém, põe-os um ao lado do outro para tornar claro a todos que eles, entre si, estão estreitamente conexos: impossível observar um, sem pôr em prática o outro. «A sua unidade indivisível é testemunhada por Jesus com as palavras e a vida: a Sua missão culmina na Cruz que redime, sinal do Seu amor indiviso ao Pai e à humanidade» (Carta Enc. *Veritatis splendor*, 14). Para saber se se ama verdadeiramente a Deus, é preciso verificar se se ama seriamente o próximo. E se se quiser saborear a qualidade do amor pelo próximo, deve-se perguntar se se ama verdadeiramente a Deus. Porque «quem não ama a seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?» (*1 Jo* 4, 20), e «nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os Seus mandamentos» (*ibid.*, 5, 2). Na Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente* exortei os cristãos a «sublinhar com maior decisão a opção preferencial da Igreja pelos pobres e os marginalizados» (n. 51). Trata-se de uma opção «preferencial», não exclusiva. Jesus convida-nos a amar os pobres, porque a eles se deve uma atenção particular, em razão precisamente da sua vulnerabilidade. Eles – como se sabe – são sempre mais numerosos, também nos países chamados ricos, não obstante os bens deste mundo serem destinados a todos. Toda a situação de pobreza interpela a caridade cristã de cada um. Ela, porém, deve tornar-se também empenho social e político, porque o problema da pobreza no mundo depende de condições concretas, que devem ser transformadas por homens e mulheres de boa vontade, construtores da civilização do amor. São «estruturas de pecado» que não podem ser vencidas senão com a colaboração de todos, na disponibilidade a «perder-se» pelo outro em vez de o explorar, a «servir-lo» em vez de o oprimir (cf. Carta Enc. *Sollicitudo rei socialis*, 38). Caros jovens, convido-vos, de modo particular, a tomar iniciativas concretas de solidariedade e de partilha *ao lado e com* os mais pobres. Participai com generosidade em algum dos projectos que nos diversos países vêem empenhados outros coetâneos vossos, em gestos de fraternidade e solidariedade: será um modo de «restituir» ao Senhor, na pessoa dos pobres, pelo menos alguma coisa de tudo o que Ele vos deu, a vós mais afortunados. E poderá ser também a expressão imediatamente visível de uma opção fundamental: a de orientar com decisão a vida para Deus e os irmãos.⁷ Maria sintetiza na sua pessoa todo o mistério da Igreja, é a «filha predestinada do Pai» (*Tertio millennio adveniente*, 54), que acolheu livremente e respondeu com disponibilidade ao dom de Deus. «Filha» do Pai, mereceu tornar-se a Mãe do Seu Filho: «Faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc* 1, 38). É Mãe de Deus, porque perfeitamente filha do Pai. No seu coração não há outro desejo senão o de sustentar os cristãos no empenho de viverem como filhos de Deus. Como mãe terníssima, ela condu-los incessantemente a Jesus, a fim de que, seguindo-O, aprendam a cultivar a sua relação com o Pai do céu. Assim como nas bodas de Caná, convida-os a fazer tudo o que o Filho lhes disser (cf. *Jo* 2, 5), sabendo que é este o caminho para chegar à casa do «Pai misericordioso» (cf. *2 Cor* 1, 3). A XIV Jornada Mundial da Juventude, que neste ano se realizará nas Igrejas locais, é a última antes do grande encontro jubilar. Ela assume, portanto, uma particular relevância na

preparação para o Ano Santo 2000. Oro para que se torne para cada um de vós ocasião para um renovado encontro com o Senhor da vida e com a sua Igreja. A Maria confio o vosso caminho e peço-lhe que prepare os vossos corações para acolher a graça do Pai, a fim de vos tornardes testemunhas do Seu amor. Com estes sentimentos, ao desejar um ano rico de fé e de empenho evangélico, abençoo-vos a todos de coração. *Vaticano, 6 de Janeiro de 1999, Solenidade da Epifania do Senhor.*

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana